

2017

VIII Seminário Internacional sobre  
**Desenvolvimento regional**

Territórios, redes e  
Desenvolvimento Regional:  
Perspectivas e Desafios



  
Programa de Pós-Graduação  
**Desenvolvimento Regional**  
mestrado e doutorado

 **UNISC**  
UNIVERSIDADE DE SANTA CRUZ DO SUL

## **FORMAÇÃO DE REDES DE COOPERATIVAS DA AGRICULTURA FAMILIAR NO AMBITO DA ECONOMIA SOLIDÁRIA NOS MUNICIPIOS MISSIONEIROS DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL E SEUS IMPACTOS PARA O DESENVOLVIMENTO**

**Louise Botelho  
Luciana Scherer  
Jorge Schommer  
Ronnie Schroeder**

### **Resumo**

O presente estudo tem como objeto de análise a Rede de Cooperativas, Associações e Agroindústrias do Território Missões – Rede Missioneira da Agricultura Familiar – REMAF. Essa rede constitui-se como fruto de uma construção social do Território Missões no estado do Rio Grande do Sul, formada por 10 empreendimentos de economia solidária da agricultura familiar, situados em 10 municípios distintos. O objetivo aqui é analisar a REMAF sob a luz da teoria de redes, focando especialmente em redes de economia solidária. A pesquisa pauta-se tanto por esforços epistemológicos – no sentido de entender o conhecimento transitivo sobre redes - quanto ontológicos – no intuito de conhecer a realidade de cada um dos integrantes. Para essa dimensão ontológica, foram realizadas visitas in loco, caracterizando uma pesquisa de observação participante, aos 10 empreendimentos integrantes da rede. Com isso, a partir de uma caracterização, foi possível conhecer a realidade, aspectos da história da formação e apontar algumas fragilidades em cada realidade. Atuar em rede é sempre um grande desafio, já que essa é composta por diversos atores, que possuem distintas situações de desenvolvimento, questões próprias e particulares, e que certamente possuem objetivos específicos e individuais. No entanto, contata-se que a REMAF, mesmo apresentando algumas dificuldades em razão de escassez de recursos humanos e financeiros para uma melhor operacionalização, desempenha um papel importante na organização da atuação dos empreendimentos, e assume um compromisso significativo com o desenvolvimento regional da Região das Missões, por meio do fortalecimento de empreendimentos da agricultura familiar.

**Palavras chave:** Redes. Rede de Economia Solidária. REMAF. Agricultura Familiar.

Desenvolvimento Regional

### **1 Introdução**

Crises econômicas nas décadas de 80 e 90 no Brasil, acentuadas pelo fenômeno da Globalização, da quebra de barreiras entre os países, a construção de blocos econômicos e o rompimento de outros, culminaram por acentuar na população o surgimento de uma lacuna de desigualdades econômicas e sociais, sobretudo com a tendência da aplicação de políticas neoliberais por parte dos governos. Para



sobreviver a essa realidade, a partir de 2000 surgem projetos organizados por comunidades carentes. Esses projetos, trazem um novo tom para superar os problemas econômicos e sociais da população, eles assumiram a forma da economia popular.

A economia popular, passa a tratar temas referentes e fundamentais para pessoas desprovidas de capital possam melhorar sua situação social e econômica. Nesse amalgama a ajuda mútua torna-se uma constante, isso porque a alternativa seria o fato de que alguns membros da comunidade assumiriam o papel de capitalistas e assalariariam os demais. Hipótese que era e ainda é improvável pela falta de recursos. Além disso, comprovado está, na prática, em diversos lugares, que o desenvolvimento que combate à pobreza é solidário (SOTO, 2011).

Foi assim que se vislumbrou que os empreendimentos populares tinham respostas para os problemas de emprego e renda. As associações e cooperativas adquiriram maior relevância, ainda que tenham apresentado dificuldades para crescer concorrendo com o mercado capitalista. Dessa forma, seguindo as necessidades de sustentabilidade econômica, aplicaram-se as teorias sobre a economia de escala e redes organizacionais com o diferencial da economia solidária – considerando a propriedade coletiva dos meios de produção e a autogestão (SOTO, 2011).

O trabalho em rede desses empreendimentos de economia solidária tem por objetivo, unir esforços garantindo a produção em escala e a comercialização conjunta para negociar diretamente com terceiros. Embora existam essas experiências da atuação em rede, o sucesso depende do desenvolvimento de cada um dos empreendimentos que a formam. O grande desafio é a maneira como eles se posicionam competitivamente no mercado.

Com este trabalho busca-se, a partir de uma realidade social, aprofundar a visão teórica e a prática da economia solidária, abordando a Rede de Cooperativas, Associações e Agroindústrias do Território Missões – Rede Missioneira da Agricultura Familiar – REMAF. Essa rede constitui-se como fruto de uma construção social do Território Missões no estado do Rio Grande do Sul. A presente investigação objetiva conhecer evidências acerca da atuação em rede de cooperativas, Associações e Agroindústrias do Território das Missões e como essa rede solidária impacta no processo de desenvolvimento.

O presente trabalho está dividido em três partes, além dessa introdução e das considerações finais. A primeira discute o referencial teórico sobre as Redes e Redes



de Economia Solidária. A segunda aborda os procedimentos metodológicos e a terceira, um referencial descritivo sobre o objeto de análise, a REMAF e seus impactos no processo de desenvolvimento.

As questões teórico-metodológicas pautam-se, principalmente, nos seguintes pressupostos: uma pesquisa interpretativa no sentido de tentar entender as relações entre a REMAF, SEUS ASSOCIADOS E A SOCIEDADE, em relação a formação de uma Rede de Economia Solidária com uma atuação voltada para o desenvolvimento da Região das Missões. A metodologia utilizada foi a das ciências sociais, sendo o estilo qualitativo, com as seguintes técnicas: leitura e análise de documentos e observação participante.

Neste trabalho entende-se que o desenvolvimento é um fenômeno multifacetado, envolvendo a dimensão social, pela inclusão social dos cooperados agricultores familiares no mercado de trabalho, garantindo sua sobrevivência; e na sua dimensão econômica, como membros de uma categoria profissional de trabalho, gerando novos empregos e renda. A atuação produtiva organizada em redes de cooperativas amplia a abrangência dessas dimensões: social e econômica, e permite que o trabalho conjunto anule a ação do atravessador, adquira poder de barganha e negocie diretamente com a clientela. Para isso este estudo pretende contribuir com a construção da teoria e a formulação prática da constituição e do fortalecimento das redes solidárias.

## **2 Procedimentos Metodológicos**

Este trabalho adota a abordagem qualitativa de pesquisa, por entender que essa abordagem, preocupa-se com o mundo real e a realidade dos sujeitos, preocupa-se com o universo de significados, motivos e valores, correspondendo a natureza mais profunda das relações, dos processos e dos fenômenos em um contexto além do mais, com a pesquisa qualitativa, podem-se extrair valores, atitudes e significados correspondentes as relações que não podem ser discutidas como variáveis (PRONADOV, 2013).

A pesquisa qualitativa pode ser compreendida como a busca constante de apreender mais detalhadamente e em profundidade os significados e características evidenciadas nas particularidades das experiências dos sujeitos, tendo em vista, estabelecer respostas a aspectos presentes nas relações sociais da sociedade e que



não podem ser quantificados. Para tanto, a fim de apresentar os resultados do estudo, quanto a classificação da pesquisa será descritiva, já que possibilita o melhor entendimento sobre a temática, bem como facilita aos pesquisadores a interpretação dos acontecimentos referentes ao fenômeno estudado.

O caráter descritivo configura-se como o próprio nome diz, busca descrever alguma coisa, função ou característica de algo (MALHOTRA, 2012). O pesquisador apenas transcreve os acontecimentos observados sem interferir neles. Bem como, investiga, observa e analisa os dados sem alterar, isto é, sem intervenção do investigador (PRONADOV, 2013). Essa modalidade de disposição dos dados que serão apresentados no estudo, são de suma importância, pois o olhar do pesquisador sobre o objeto de estudo, contribui para que se estabeleça uma relação das variáveis que surgem da realidade dos sujeitos da pesquisa e como isso se configura no processo em que se estabelece a relação com o objeto pesquisado.

Os dados foram coletados de fontes secundárias e através do uso de observação participante, por meio de visita in loco, aos empreendimentos cooperados da REMAF e conversas informais junto a membros da diretoria, no período de outubro de 2016 a março de 2017. Essas técnicas – análise de documentos, conversas informais e visita in loco, foram destacadas no sentido de propiciar um conhecimento baseada em uma perspectiva ontológica, de busca da realidade de cada um dos empreendimentos que compõem a REMAF.

Ressalta-se que a postura metodologia desse estudo é realizá-lo com cuidado, especialmente em relação às generalizações, ou seja, aqui a intenção metodológica é realmente conhecer os casos estudados e aspectos pertinentes das suas realidades, para, a partir daí propiciar a possibilidade, de futuramente realizarem-se estudos mais generalizáveis sobre o da formação de redes de agricultura familiar.

### **3 Redes**

A idéia de redes não é nova e apresenta inúmeros significados, pois, desde a década de 30, vem sendo utilizada por pesquisadores de diversas áreas, como a psicologia, a antropologia, a sociologia, a economia, a ciência política e, até mesmo, a física. Mesmo que os conceitos sejam utilizados de forma independente, compartilham pontos de confluência e remetem à noção de sistemas ou estruturas interligadas. Outro traço comum à análise de redes é o enfoque central nas relações sociais, o que



constitui um objeto de estudo das Ciências Sociais. Segundo Abramovay (2000), a popularidade do termo rede e sua difusão contrastam com o sentido vago que assume nas Ciências Sociais.

Na ciência política, a idéia de redes surge das teorias que analisam o pluralismo (KLIJN, 1997), que problematizam a relação entre Estado e sociedade, buscando identificar o padrão de relacionamento, a mediação de conflitos, a influência da sociedade no processo decisório e os conflitos e consensos entre as partes envolvidas.

Segundo Motta (1999), as concepções desse fenômeno podem levar a crer que uma rede é algo complicado e nebuloso, o que o autor considera equivocado, pois a rede em si seria algo simples. Stern (1979) diz que “uma rede é um construto conveniente para organizar a análise de um grande número de atores ocupados com objetivos similares”. Para Schon (1973), “uma rede é um conjunto de elementos relacionados uns com os outros através de interconexões múltiplas”. Naisbitt (1990), tentando demonstrar a simplicidade da rede, afirmou: “redes são pessoas falando umas com as outras, partilhando idéias, informações e recursos”. Concorde-se que os conceitos de redes podem ser elaborados de forma mais ou menos simplificada, porém a simplicidade exposta por esses autores reside apenas nos seus conceitos. A complexidade do fenômeno encontra-se nas relações existentes no interior das redes e na forma como pensam os indivíduos. Conforme Jacobi (2000) a maioria das pessoas continua pensando como, e considerando-se indivíduos isolados e não como parte de múltiplas redes de interações: familiares, de amizades, de trabalho, recreativas. Essa dificuldade pode mudar através de uma melhor percepção do significado das relações e um melhor entendimento da metáfora de redes, a qual tem se mostrado apta para pensar e construir novas formas de convivência.

*Sociedade em rede*, o primeiro volume da trilogia de Manuel Castells sobre a era da informação, tem a pretensão de mostrar que a organização em rede é o traço mais importante das estruturas sociais contemporâneas. Para esse autor, uma rede é um conjunto de nós interconectados. Um nó é um ponto de intersecção de uma curva por ela mesma. O que define o nó, concretamente falando, é o tipo concreto de rede ao qual ele pertence (CASTELLS, 1999).

A difusão e a diversificação do conceito de redes demonstram que, nas sociedades complexas, existem variados espaços de contato, trocas e intercâmbios sociais e relacionais, que se opõem à idéia de um ator, um indivíduo. A rede, como um



emaranhado de relações das quais os indivíduos constituem os “nós”, transforma as idéias sobre sociedade, pois, como afirma Castells (1999), as redes conectam indivíduos, grupos, regiões e organizações.

As redes são movimentos com uma estrutura segmentada, com elos que se tornam mais ou menos explícitos, dependendo do período, e os elos podem tornar-se mais claros e identificáveis em situações de mobilização. Estes vínculos possuem naturezas diversas e são construídos intencionalmente, ou não, e estão em constante interação e transformação (JUNQUEIRA, 2000).

Na rede, o ideal é que os indivíduos busquem compreender e empreender de forma compartilhada, e os objetivos são definidos de forma coletiva, articulando pessoas, seus conhecimentos, problemas e vivências, existindo o respeito às autonomias e às diferenças dos membros, mesmo reconhecendo-se que cada participante possa ter objetivos específicos. As redes vêm sendo idealizadas com um formato participativo, no qual as relações se caracterizam pela não-centralidade organizacional e não-hierarquização do poder (SCHERER-WARREN, 1997), o que sugere não necessariamente a busca da igualdade, mas o respeito à diversidade cultural, à complementaridade de oportunidades e de conhecimentos e ao pluralismo de idéias.

Motta (1999) lembra que a constituição de uma rede não se dá de forma imediata e estática. É uma construção social e coletiva que se consolida através dos vínculos pessoais e da comunhão de objetivos, que se define à medida que é realizada. Os membros se motivam a formar a rede a partir do momento que sentem que, combinados de forma coletiva, terão condições mais concretas de alcançar seus objetivos. Assim, ela não é um objetivo em si, mas torna-se um mecanismo, ou uma metodologia para criar as alternativas desejáveis.

Um aspecto importante tem sido colocado de lado nas definições elaboradas de forma mais simplificada: a problemática do poder. Entende-se poder como: “a troca desequilibrada de possibilidades de ação, ou seja, de comportamentos entre um conjunto de atores individuais ou coletivos” (FRIEDBERG, 1996). O poder deve ser entendido como uma relação, e não como um bem que possa ser possuído. Na rede, poder é tratado como uns dos recursos que cada membro tem a oferecer.

Está claro que as redes têm uma lógica diferente das organizações, já que, como explorado acima, as redes têm um caráter bem mais horizontalizado e descentralizado, onde os atores atuam de forma coordenada. Isso não implica que a



estrutura de rede esteja livre do poder e da dominação. A influência e a importância de cada membro estaria relacionada à capacidade e aos recursos que cada ator tem para oferecer, que podem ser status e prestígio até recursos mais mensuráveis, como dinheiro e informação (MANDELL, 1990; MARQUES, 1999; JUNQUEIRA, 2000). Alguns autores chegam a afirmar que um dos principais obstáculos para a formação de redes é a redução do poder nas organizações sobre o controle das decisões (ALDRICH, 1979), pois muitos membros não sabem conviver e produzir sem uma estrutura verticalizada, hierarquizada e burocrática.

Elaborando uma síntese das idéias apresentadas, trata-se rede como: Uma construção social baseada na ação de membros interligados que se comunicam e interagem na busca de um objetivo ou de uma realização em comum, os quais seriam dificilmente alcançados de forma isolada. A rede é caracterizada pela condição de interdependência das partes, que produzem uma visão compartilhada da realidade, articulam diferentes tipos e recursos e agem de forma, predominantemente, coordenada. Mesmo que as redes sejam analisadas sob uma ótica de pluralismo e equilíbrio, é importante lembrar que recursos de poder estão presentes, e que alguns membros têm mais importância que outros, devido ao seu grau de influência e de capacidade para determinar que os objetivos sejam alcançados.

Julga-se que essa definição seria mais completa, já que contempla e combina uma multiplicidade de fenômenos existentes nas redes, não ficando, assim, preso a uma ou duas dimensões desta forma de organização.

#### **4 Redes de Economia Solidária**

A economia solidária para SINGER (2002) é conceituada como uma nova forma de produção, ou seja, uma “outra economia”. Para esse autor, os princípios da Economia Solidária estão pautados na propriedade coletiva, no direito à liberdade individual e no empoderamento coletivo, onde as cooperativas e empresas autogeridas são suas unidades básicas de sustentação.

Muitos autores, entre eles LISBOA (2004), argumentam que a economia solidária é uma alternativa às maculas causadas pelo capitalismo. Segundo a SENAES (Secretaria Nacional da Economia Solidária), a economia solidária compreende uma diversidade de práticas econômicas e sociais organizadas sob a forma de cooperativas, associações, clubes de troca, empresas autogestionárias,



redes de cooperação entre outras, que realizam atividades de produção, de prestação de serviços, finanças solidárias, trocas, comércio justo e consumo solidário.

As Redes solidárias, foco deste trabalho, são aquelas que integram empreendimentos que agem de acordo com os princípios da economia solidária. Nessas redes, além dos empreendimentos ligados a ela diretamente para a produção, estão entidades de apoio técnico e financeiro, entidades não governamentais, entidades de ensino superior etc. essas redes tem por meta ultrapassar as barreiras econômicas dos empreendimentos solidários, fazendo com que se construam pontes de acesso a novas possibilidades de cooperação e intercâmbio com outras unidades produtivas, além de parcerias com distintos setores da sociedade.

Assim, nascem as Redes de Colaboração Solidária (RCS) que de acordo com MANCE (2002) é uma estratégia para potencializar conexões já existentes e integrar os EES – produção comercialização, financiamento, consumo – e outras organizações populares em um movimento de realimentação e de crescimento conjunto e autossustentável.

Dessa forma, podemos definir para fins deste estudo que uma rede de EES atende aos princípios da economia solidária e está configurada sob as características de uma rede organizacional horizontal, em que todos os membros integrantes têm igualdade de direitos e deveres, atendem a mecanismos de coordenação social e fundamentalmente atendem às demandas da qualidade de vida e de desenvolvimento humano (SOTO, 2011).

## **5 A REMAF – Atuando em Rede, Visando o Desenvolvimento Social e Econômico das Missões**

A Rede de Cooperativas, Associações e Agroindústrias do Território Missões – Rede Missioneira da Agricultura Familiar – REMAF é uma construção de Economia Solidária social na Região das Missões, no Estado do Rio Grande do Sul. O processo de idealização da REMAF iniciou-se entre 1999 e 2002, no período do Governo Olívio Dutra com a construção de algumas políticas públicas afirmativas para agricultura familiar. A principal política nesse sentido foi o programa RS RURAL, fruto de acordo de empréstimo do Estado do Rio Grande do Sul com o Banco Mundial – BIRD com o objetivo combater a pobreza, a degradação dos recursos naturais e o êxodo da população rural do Estado do Rio Grande do Sul, melhorando sua qualidade de vida e



sua capacidade produtiva. O foco principal era promover ações integradas de infraestrutura familiar e comunitária, geração de renda e de manejo e conservação dos recursos naturais. A partir dessa experiência, aliada a extensão rural focada na pequena propriedade e na agroecologia, fomentou-se na Região das Missões diversas iniciativas de produção e alimentos, agregação de valor e organizações associativas e cooperativas. Esse processo ganhou força, ainda, nas políticas do governo federal a partir de 2003, através dos Programas Fome Zero e o Programa de Aquisição de Alimentos e a Política de Desenvolvimento Territorial, reconhecendo a Região das Missões como território de identidade rural para a agricultura familiar.

Os Empreendimentos da Economia REMAF dispõem hoje de 11 pontos diretos de comercialização da agricultura familiar, feiras de produtores e serviço do café colonial missioneiro. A rede que compõe a REMAF por meio das 10 cooperativas associadas possui cerca de 1000 associados, o que demonstra o potencial de capilaridade dessa rede em termos de alcance regional junto a atores da agricultura familiar da Região das Missões.

Após a visita aos empreendimentos associados a REMAF, análise de documentos disponibilizados, aliada a conversas informais com membros da diretoria da REMAF procede-se uma descrição dos mesmos, afim de entender o mundo real e a realidade dos sujeitos envolvidos nesse processo de construção de uma rede de empreendimentos de economia solidária, que serão apresentados na sequência desse texto.

A **APAM** - Associação de Produtores e Artesãos Missioneiros, localizada e no município de Santo Antônio das Missões/RS. Essa associação foi fundada em 2007 e possui 50 sócios, sendo que 45 são atuantes na associação e a maioria deles é composta por mulheres. Os sócios caracterizam-se como pequenos produtores rurais, sem carro próprio, dependentes de ônibus para transportar seus produtos e que antes da APAM possuíam dificuldades para comercializar seus produtos. A APAM conta com parceria da Prefeitura Municipal de Santo Antônio das Missões, que viabiliza o repasse de um valor fixado em 01 salário mínimo para custos de pagamento de funcionário para atender no ponto de venda. Os produtos que comercializa caracterizam-se pela especificidade, considerados como únicos e diferenciados, como a “farinha de cachorro”, o café de inhame e a morcilha preta.

Uma das dificuldades enfrentadas pela associação em relação à comercialização dos produtos é a falta de regularidade na sua oferta, ocasionando na



perda de clientes. Outra questão identificada, é em relação a não-padronização dos produtos, que apresentam-se sem rótulos e sem embalagem adequada para uma boa apresentação.

Na visita in loco, foi possível denotar que os produtos possuem demanda, sendo a agricultura familiar visada como uma possibilidade real de consumo agricultura familiar é visada, porém os agricultores necessitam de mais assistência, apoio e organização para conseguirem criar produtos e manterem estoque. Muitos sócios reconhecem os benefícios financeiros gerados pela APAM, sendo que identifica-se uma um relação importante com o programa de fornecimento de merenda escolar municipal, que é responsável por boa parte da receita da associação, trazendo possibilidades econômicas para os associados. Um aspecto que chama atenção é o fato de a associação contar com poucos jovens em seus quadros de sócios, porém, já demonstrou ter identificado o fato e almeja um aumento no número de jovens da agricultura familiar que venham a integrar a APAM.

A **COOPACEL** - Cooperativa de Produção e Comercialização da Agricultura Familiar de Cerro Largo localiza-se no município de Cerro Largo/RS e conta com um total de 64 sócios, e destaca-se por ser o único empreendimento que possui dois pontos de vendas: um no centro da cidade e outro próximo ao pórtico de entrada no município, na BR 392.

Na visita in loco dos dois pontos de venda, percebeu-se uma variedade bastante grande dos produtos da agricultura familiar: pães, laticínios, embutidos, frutas, legumes, geléias, conservas, etc. Uma das percepções foi a falta de rótulos e embalagens padronizadas, para imprimir uma melhor apresentação aos produtos ali comercializados. Identificou-se também, no momento da observação, que existem questões em relação a regularidade da oferta de produtos no Cooperativa, já que alguns clientes chegaram para adquirir um item específico e não o encontraram. Isso remonta a necessidade de realizar um trabalho com os sócios da cooperativa, tratando de questões a cerca de confiabilidade e oferta regular de produtos à COOPACEL, estimulando os sócios a venderem seus produtos no mercado da cooperativa, criando uma relação de confiabilidade com os clientes.

A Coopacel também possui uma relação importante no fornecimento de insumos para a merenda escolar no município de Cerro Largo. Uma oportunidade significativa para esse empreendimento é a parceria com o restaurante universitário da



Universidade Federal da Fronteira Sul *campus* Cerro Largo/RS, que possui uma demanda diária de, em média 500 refeições.

A **COOPAF** - Cooperativa dos Agricultores Familiares de São Miguel das Missões - localiza-se no município de São Miguel das Missões/RS e foi fundada em 2006, a partir da necessidade de regularização das atividades oriundas das agroindústrias familiares do município. Hoje, integram a cooperativa, 56 sócios, mas nem todos são atuantes na comercialização de produtos no dia a dia do empreendimento, sendo que alguns participam das feiras ali promovidas.

Os produtos comercializados são diversificados: leite, o queijo colonial, iogurte, mandioca, frango, pães e hortifrúti. Esse último item notou-se apresentar uma limitada variedade de culturas, como causa, constatou-se que existe uma dificuldade na obtenção de assistência técnica no município para esse tipo de cultivo, o que acaba influenciando na oferta final desses produtos. É importante destacar que a COOPAF conta com uma agroindústria de frango, uma de laticínios e uma de embutidos (que está se adequando às legislações pertinentes).

As dificuldades enfrentadas pela cooperativa, observada na visita in loco e em conversa informal com a diretoria da mesma, é destacada em dois aspectos principais: a regularidade da produção e a falta de assistência técnica. A maioria dos sócios, identificou-se no perfil dos mesmos, é de maioria composta por pessoas de meia idade que não possuem formação técnica ou superior, e portanto, não dominam outras técnicas de plantio, precisando de ajuda para plantar e manter culturas diversificadas, o que realmente afeta a variedade e quantidade de produtos disponibilizados para comercialização pela cooperativa.

**ACOOPAF Vida Nova** - Cooperativa dos Produtores da Agricultura Familiar Vida Nova Ltda localiza-se no município de Salvador das Missões/RS, e foi fundada em março de 2007 contando hoje com 87 sócios – pequenos agricultores, sendo que 45 são identificados com mais atuantes na cooperativa. Esses sócios são pessoas com idade em torno dos 50 anos e uma das preocupações explicitadas pela diretoria da cooperativa no momento da visita in loco, diz respeito a sua continuidade ao longo do tempo, já que quase não possui associados considerados “jovens”.

Outro aspecto denotado diz respeito à legalização das pequenas agroindústrias (familiares), já que muitas das pequenas unidades não têm condições financeiras suficientes de se adequarem à legislação vigente, deixando de produzirem.



Em relação aos produtos comercializados, a oferta é bastante diversificada, diversos tipos de produtos. Um ponto muito positivo observado é que a COOPAF exercita um tipo de segmentação de produtos agroalimentares entre os sócios, com o objetivo de cada um ofertar um tipo diferente, com regularidade. Os produtos principais vendidos pela cooperativa são o frango, a rapadura, queijo, salame, derivados de carne no geral. A cooperativa já estruturou-se em relação a importância de embalagens e rótulos padrão, possuindo ambas nos produtos comercializados.

A cooperativa conta com o apoio da prefeitura municipal e da Emater/RS, que acompanham com assessoria técnica nas questões pertinentes a produção e comercialização de produtos da agricultura familiar.

A **COOPARTE**- Cooperativa Agroindustrial de Artesãos Ltda. - localiza-se no município de São Luiz Gonzaga/RS e foi fundada em 2007. Hoje conta com 64 sócios, em que 30 deles são identificados como atuantes no fornecimento de produtos a serem comercializados pelo empreendimento. A maioria dos sócios vive da agricultura familiar, comercializando seus produtos no Quiosque da cooperativa e para o governo estadual e municipal, e nesse contexto também identificou-se uma relação importante com o fornecimento de produtos para programa de merenda escolar.

Os principais produtos da COOPARTE são os panificados (bolo, bolacha, pão) e produtos hortifrúti. Fazem parte da cooperativa, pequenas agroindústrias de panificados (Quitutes, Marizete e Dona Iara) legalizadas e aptas a venderem seus produtos para fins da merenda escolar. Uma percepção dentro da cooperativa é que falta diversidade de produtos ofertados, o que poderia ser resolvido com mais sócios ou maior organização entre os sócios, já que um acordo entre os sócios, para que cada produtor ofertasse pelo menos um produto diferente, seria uma solução viável.

A **COOPERBUTIÁ**- Cooperativa Agrícola Butiá Ltda.- localiza-se no município de São Pedro do Butiá/RS, foi fundada em 2001. O quadro de associados conta com cerca de 400 sócios, sendo que 200 deles são atuantes na cooperativa, sendo essa o maior empreendimento de economia solidária integrante da rede.

A cooperativa começou desenvolvendo uma linha de leite, para que os sócios tivessem um posto próprio de coleta de leite, e em determinado momento da atuação da cooperativa, os associados chegaram a recolher em torno de um milhão de litros de leite em um mês. Essa atividade não teve continuidade devido a problemas internos e estruturação da produção deixou de trabalhar com esse nicho de mercado. Após esse episódio, a cooperativa voltou suas ações para o Programa de Aquisição de



Alimentos, o que propiciou que ajudou os agricultores a organizarem sua produção. Assim, os sócios vendiam seus produtos (hortifrúti, panificados, derivados do leite, embutidos, outros) no mercado da COOPERBUTIÁ. Um aspecto interessante observado, que pode ser destacado como uma ação de fortalecimento da rede entre a cooperativa e os cooperados, é o fato de que, assim como os cooperados aferiam renda na comercialização de seus produtos, os mesmos gastavam, segundo relatos da diretoria cerca de 50% de seus ganhos na própria cooperativa, retornando a renda para a mesma.

A Cooperativa enfrentou sérios problemas, sendo o maior e mais desafiador, uma quebra no seu caixa, no ano de 2006 e os sócios em conjunto da diretoria, decidiram parar suas atividades de comercialização até reestruem suas capacidades de fluxos de contas a pagar /contas a receber. Esse fato não significou a extinção da COOPERBUTIÁ, ao contrário, a cooperativa existe e conta com seus sócios. Segundo informações da atual diretoria, obtidas em conversa informal quando da visita in loco, os mesmos consideram a retomada das suas atividades, voltando com seu mercado e comercializando novamente, mas ainda sem previsão de início das atividades.

A **COOPERG**- Cooperativa de Produção e Comercialização da Agricultura Familiar de Roque Gonzales localiza-se no município de São Luiz Gonzaga/RS e foi fundada em 2005 como cooperativa. Com recursos do Programa Nacional da Agricultura Familiar – Pronaf, os sócios conseguiram construir um ponto de comercialização dos seus produtos, em 2005, o que hoje constitui-se em supermercado que comercializa os produtos da agricultura familiar.

Segundo observado, com outros projetos aprovados em favor da cooperativa, os sócios conseguiram produzir mais, crescendo como agricultor e como produtor de grande escala. Assim, a medida que os projetos foram dando resultado e os sócios começaram a lucrar com seus produtos, ele foram adquirindo confiança na COOPERG e estimulando outras pessoas a se associarem. Atualmente a cooperativa conta com mais de 200 sócios, onde cerca de 70 sócios são atuantes.

O diferencial da COOPERG é que seu mercado não conta com produtos somente da agricultura familiar, sendo que a cooperativa tem um mercado com outros tipos de produtos. Essa foi uma tática adotada pela diretoria com o apoio dos sócios, pois eles creem que um estabelecimento completo, com vários produtos, atraia mais clientes, já que “a maioria das pessoas prefere poder comprar tudo que precisa em um



local, em vez de ter que ir a vários”, segundo a explicação do presidente da cooperativa, o sr. Jorge Luis Luft Scheeren. Ainda, de acordo com o presidente da COOPERG, é esse diferencial que sustenta a organização e dá fôlego para os associados, o que eles acreditam ser fundamental para que a cooperativa consiga se manter sozinha.

Um ponto observado que pode ser destacado como uma melhoria a ser realizada no empreendimento é uma maior oferta de produtos hortifrúti, com mais variedade de culturas, sendo apresentadas em embalagens com o rótulo da cooperativa. Isso consistiria em um avanço em relação a qualidade dos produtos coloniais ofertados, já que eles são o diferencial do mercado e o foco dos cooperados.

A **COOPADEN** - Cooperativa de Produtores Agroindustriais e Artesãos de Dezesseis de Novembro Ltda., localizada em Dezesseis de Novembro, foi fundada em 2005, com 20 associados e já conta hoje com 32. Os principais produtos comercializados são oriundos da agricultura familiar, como pães, bolachas, melado, queijos entre outros.

Observou-se que os produtos não possuem embalagens padronizadas, tampouco estão rotulados com uma marca da cooperativa. Existe certa diversificação na oferta de produtos, mas essa ainda pode ser trabalhada no sentido da regularização de entregas, com o intuito de fortalecer a confiança do consumidor que procura a cooperativa como opção de compras desses produtos.

A **COOPASA** - Cooperativa de Produção Agroindustrial de Santo Ângelo Ltda. – está localizada no município de Santo Ângelo - RS e foi fundada em 2003. Conta hoje com 81 sócios. Esta cooperativa é responsável pela fabricação de produtos derivados do leite (área de processamento do leite e derivados).

O principal ponto a ser destacado é que a cooperativa não possui uma oferta diversificada de produtos, focando apenas nos produtos acima mencionados. Isso acaba gerando uma dependência em relação a um único tipo de produto e também de associados.

A **COOPERMISSIONEIRA**- Cooperativa Missioneira de Agricultores e Artesãos, situada em São Nicolau- RS, foi fundada em 2007 com 29 associados. Hoje, conta com 40 associados em sua rede de atuação.

Os principais produtos são hortifrúti, oriundos da agricultura familiar do município. É possível observar uma pequena variedade de produtos, o que acaba comprometendo a atuação como um todo, pois com uma oferta tímida, a demanda



também acaba diminuindo, já que os consumidores acabam procurando outros locais para a aquisição desses produtos.

Ainda, a apresentação dos produtos e a forma como estão expostos é outra questão a observar. Os produtos, em sua maioria estão expostos em caixas, alguns no chão, e não estão acomodados em embalagens apropriadas. Os produtos também não possuem rótulos. Essa apresentação, certamente influencia no resultado da cooperativa como ponto de comercialização de produtos da agricultura familiar.

As informações destacadas acima, obtidas com a técnica de observação participante por meio das visitas aos empreendimentos de economia solidária integrantes da REMAF estão sintetizadas na figura 1.

Figura 1 – Empreendimentos integrantes da Rede

EMPREENDIMENTO	LOCALIZAÇÃO	NÚMERO DE SÓCIOS
APAM Associação de Produtores e Artesãos Missioneiros	<b>Santo Antônio das Missões- RS</b> Rua Ricardo Santiado de Godoy, s/n. Trevo de Acesso	50
COOPACEL Cooperativa de Produção e Comercialização da Agricultura Familiar de Cerro Largo	<b>Cerro Largo – RS</b> Rua Sen. Pinheiro Machado, nº.603 sala B - Centro	64
COOPAF Cooperativa dos Agricultores Familiares de São Miguel das Missões	<b>São Miguel das Missões – RS</b> Av. Borges do Canto, 600, Centro	56
COOPAF Vida Nova Cooperativa dos Produtores da Agricultura Familiar Vida Nova Ltda	<b>Salvador das Missões – RS</b> BR 392, KM 668 S N,	87
COOPARTE Cooperativa Agroindustrial de Artesãos Ltda	<b>São Luiz Gonzaga – RS</b> Acs Barão 285 Km 569, - KM 569 - Subúrbios	64
COOPERBUTIÁ Cooperativa Agrícola Butiá Ltda	<b>São Pedro do Butiá – RS</b> Rua Dr. Eugênio Frantz, nº. 530 – Centro	400
COOPERG Cooperativa de Produção e Comercialização da Agricultura Familiar de Roque Gonzales	<b>Roque Gonzales – RS</b> Rua Pe. José Anchieta, nº. 27 Centro	200
COOPADEN Cooperativa de Produtores Agroindustriais e Artesãos de Dezesseis de Novembro Ltda	Dezesseis de Novembro – RS Rua 8 de Maio, nº.1000	32
COOPASA Cooperativa de Produção Agroindustrial de Santo Ângelo Ltda	<b>Santo Ângelo – RS</b> Rua Marquês do Herval, nº.1184, sala 2, Centro	81
COOPERMISSIONEIRA Cooperativa Missioneira de Agricultores e Artesão	<b>São Nicolau- RS</b> Rua Prof. Ma.Seggiaro Hoffman, nº. 35 Centro	40

Fonte: Elaborado pelos autores



O ramo de atuação das empresas que participam da REMAF volta-se aos serviços e venda de produtos oriundos da agricultura familiar e economia solidária. O papel da REMAF no processo de desenvolvimento da Região das Missões está bastante atrelado ao entendimento da construção de uma rede de economia solidária. A atuação dessa rede, por meio da REMAF, está atrelada a ações que visam o desenvolvimento regional no território das Missões, e as principais ações oferecidas aos empreendimentos consistem em assessoria quanto ao planejamento estratégico, orientação técnica (formalização das agroindústrias da agricultura familiar, por exemplo), projeto de vendas (para reunir os documentos necessários à venda de merenda escolar) e mobilização para as feiras.

Atualmente a REMAF é representada por Maria Lisiane Quevedo Cunha, e possui instalação física de apoio no Laboratório da ITCEES (Incubadora Tecnossocial de Cooperativas e Empreendimentos Econômicos Solidários), localizada na unidade seminário da UFFS campus Cerro Largo. Uma grande e importante questão sobre a relação da REMAF junto aos seus empreendimentos integrantes é pensar em alternativas para que a longo prazo os seus sócios possam desenvolver nas diversas dimensões: social, cultura e econômica. Vale ressaltar que conforme amplia-se a rede, é o mercado consumidor dos produtos das cooperativas, associações e agroindústrias também encontra espaço para crescimento.

A REMAF vai ao encontro dos seus clientes, mas sem políticas públicas de apoio à economia solidária e a agricultura familiar os clientes terão de ir ao encontro da rede. A inovação no serviço prestado pela rede se dá no sentido de buscar vencer obstáculos de forma conjunta e futuramente trabalhar com compras coletivas, com o grupo se fortalecendo como rede. O mercado que engloba a REMAF ainda não encontra-se consolidada, porém é um mercado crescente, com grande demanda de produtos orgânicos e com grande potencial para continuar crescendo, uma vez que cada vez há mais consumidores desses produtos.

A atuação da REMAF trabalha para aumentar sua participação, e de seus empreendimentos integrantes no mercado através do planejamento de uma logística organizada e uma oferta constante de produtos. Constata-se que através da rede e da cooperação e entre associados, consegue-se abastecer seus consumidores, como nos programas de alimentação escolar dos municípios, nos mercados e outros pontos de vendas e na atuação pioneira junto ao Restaurante Universitário da Universidade Federal da Fronteira Sul.



Para o seu consumidor, a organização produtiva (ajudar aos agricultores a entrarem no mercado) e a organização do mercado são os fatores que os estimulam a participar da rede. Nesse sentido, uma dificuldade enfrentada pela REMAF é destacado no sentido de haver uma certa impaciência por parte dos associados para que a REMAF consiga sanar suas demandas. Outra dificuldade encontrada pela rede e também nas cooperativas é a falta de jovens trabalhando com a agricultura familiar, devido a evasão do campo. Para os empregados, fornecedores, sócios e comunidade em geral, é importante a credibilidade e seriedade no trabalho desempenhado pela diretoria da REMAF.

### **Considerações Finais**

No atual contexto onde a globalização e as mudanças ocorrem de forma rápida, qualquer região que busca se desenvolver deve acompanhar tais mudanças, levando em consideração que o desenvolvimento ocorre a partir do momento em que ela toma consciência de que pode e será competitiva quando cooperar com os outros municípios e empreendimentos de economia solidária que estão ao seu redor. A agricultura familiar, que constitui base significativa da economia na Região das Missões, no Rio Grande do Sul

Nesse contexto, a REMAF tem atuado como integradora, por meio de 10 empreendimentos de economia solidária, os quais possuem uma grande capilaridade, em seus respectivos municípios, junto aos atores da agricultura familiar. A cooperação entre as empresas pode trazer uma alavancagem para esses empreendimentos e para os municípios onde estão inseridos

Sabe-se que em uma rede todos os atores envolvidos tem o objetivo específico, e certamente tentam impor tais objetivos aos demais integrantes, e a própria figura da REMAF (que aqui transita como um ator central de coordenação). Isso não compromete a rede, já que mesmo a teoria admite que os interessados tenham cada um seu objetivo específico e tentam barganhar conforme seus recursos para atingi-lo. Embora cada possa ter seu objetivo, o importante é construir uma situação em que todos estejam reunidos em prol de um objetivo maior: o desenvolvimento da Região das Missões por meio do fortalecimento da agricultura familiar.



Esse estudo possibilitou uma nova verificação da realidade da região, por meio da tentativa do conhecimento da realidade dos envolvidos: todos os empreendimentos de economia solidária foram visitados in loco, onde os pesquisadores desenvolveram um olhar bastante voltado para o entendimento da situação atual na qual os mesmos se encontram. Olhares analíticos quanto aos produtos disponibilizados, quanto a apresentação dos mesmos, quanto às possíveis percepções dos consumidores finais em relação a maneira como os empreendimentos posicionam-se junto ao mercado.

Fica claro que, dentre os 10, existem disparidades e níveis de maturidade diferenciados. Mas isso é inerente de qualquer realidade social, e portanto da atuação de empreendimentos atuando em rede. Alguns, mais desenvolvidos, com uma parceria bem construída com os produtores, com uma oferta diversificada e constante, com boa apresentação dos produtos, destacam-se em relação a outros que ainda apresentam condições bastante fragilizadas nas relações com os associados, com a obtenção de produtos e principalmente na disposição e apresentação dos mesmos, para o consumidor final.

Essas fragilidades devem servir como os pontos a serem tratados, tanto no âmbito da Rede, como no âmbito específico do empreendimento. A rede propicia a oportunidade de atuar na coletividade, organizando as demandas e as questões a serem trabalhadas. Essas oportunidades podem ser verificadas na possibilidade de encaminhamentos de solicitação de projetos e convênios com governos municipais, estaduais e federais, no sentido de captação de recursos para a viabilização das ações necessárias. As questões referentes a apresentação de produtos, embalagens, rótulos e marcas específicas dos empreendimentos podem constituir-se em uma ação a ser trabalhada junto a programas de qualificação e desenvolvimento de governos nas diversas esferas. Para tanto, a principal sugestão nesse sentido é o investimento em capacitação de recursos humanos para a elaboração de projetos e atuação em processos de captação de recursos públicos por meio de convênios. Outro ponto importante a ser trabalhado é a relação entre o ponto de venda e os produtores associados, com vistas tanto a diversificação de produtos como a regularidade da oferta, para que o consumidor final sinta confiança no empreendimento como um possível ponto de venda para os produtos a serem adquiridos.

Fica claro que a atuação da REMAF na Região das Missões, mesmo com suas limitações em relação a questões de recursos humanos e financeiros, constitui-se como um processo legítimo de integração e de fortalecimento da agricultura familiar



com vistas ao desenvolvimento local e regional. Em uma região onde a agricultura familiar representa parte importante do PIB, atuar no sentido de melhorar, fortalecer e enriquecer as possibilidades dessa produção é uma estratégia bastante promissora, que deve estar engajada com os mais diversos atores da sociedade: a esfera pública, em todos os níveis; a sociedade como um todo, tanto no papel de consumidora, como de produtora na agricultura familiar da região missioneira.

Assim, constatados fatos, dificuldades e fragilidades dos envolvidos é necessário buscar causas, novos conhecimentos e maiores entendimentos acerca dessa realidade. Conhecer os desafios da formação de uma rede de empreendimentos da agricultura familiar, faz-se muito importante para o caminhar no sentido de superação de barreiras, de preconceitos, dificuldades quanto a operacionalização dos empreendimentos. Esse é um dos desafios lançados nesse estudo. Embora não seja tarefa simples, é importante fazer-se cruzar as fronteiras disciplinares, percorrer técnicas e métodos que possibilitem um olhar multi e interdisciplinar para entendermos mais esses desafios das formações de rede e do fortalecimento da agricultura familiar. Posiciona-se aqui que, através de conhecimento, contribui-se para a mudança da realidade.

## Referências

ABRAMOVAY, Ricardo. **A Rede, os nós, as teias: tecnologias alternativas na agricultura.** In Revista de Administração Pública. Rio de Janeiro; FGV, N.º. 34, nov 2000.

ALDRICH, Howard. Organizations & environments. Englewood Cliffs : Prentice-Hall, 1979.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede. A Era da Informação: economia, sociedade e cultura.** São Paulo: Paz e Terra, 1999.

FRIEDBERG, Erhard. **O Poder e a Regra.** Lisboa: Piaget, 1996.

JACOBI, Pedro. **Meio Ambiente e Redes Sociais: Dimensões Intersectoriais e complexidade na articulação de práticas coletivas.** In Revista de Administração Pública. Rio de Janeiro; FGV, N.º. 34, nov 2000.

JUNQUEIRA, Luciano. **Intersectorialidade, transectorialidade e redes sociais na saúde.** In Revista de Administração Pública. Rio de Janeiro; FGV, N.º. 34, nov 2000.

KLIJN, Erik. **Policy Communities, subsystems and networks.** London: Sage Publications 1997



LISBOA, A., **Economia solidária hoje: significado e perspectivas**. In: Texto para Discussão, Universidade de Santa Catarina-Centro Socioeconômico, 2004

MALHOTRA, N. K. **Pesquisa de Marketing. Uma orientação aplicada**. Tradução de Lene Belon Ribeiro, Monica Stefani. 6. ed. Porto Alegre: Bookman, 2012.

MANCE, E., 2000, **A revolução das redes: a colaboração solidária como uma alternativa pós-capitalista à globalização atual**. Petrópolis, Editora Vozes.

MANCE, E., 2002, **Redes de colaboração solidária: aspectos econômico-filosóficos: complexidade e libertação**. Petrópolis, Editora Vozes.

MANDELL, Myrna. **Network Management: strategic behavior in public sector**. In: GAGE, Robert and MANDELL, Myrna. *Strategies for Managing Intergovernmental Policies and Networks*. New York: Praeger, 1990.

MARQUES, Eduardo. **Redes Sociais e Instituições na Construção do Estado e da sua Permeabilidade**. In Revista Brasileira de Ciências Sociais. Vol 14. São Paulo, out 1999.

MOTTA, Paulo. **A Contribuição da Teoria das Redes (Networking) para o Estabelecimento e a Operacionalização de Programas Participativos**. In: ENANPAD. 19ª ed., 1999.

NAISBITT, Jonh. **Megatrends**. São Paulo: Amaná-Key, 1990.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de, **Metodologia do Trabalho Científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico**, 2ª Ed., Novo Hamburgo - RS, Associação Pró-Ensino Superior em Novo Hamburgo - ASPEUR Universidade Feevale, 2013.

SCHERER-WARREN Ilse. "Redes e espaços virtuais: uma agenda para a pesquisa de ações coletivas na era da informação". UFSC/PPGSP, Cadernos de Pesquisa, n. 11, jul, 1997.

SCHON, Donald. **Beyond the Stable State**. New York; Norton, 1973.

SINGER, Paul. **A recente ressurreição da economia solidária no Brasil**. SANTOS, B. S. (org.) *Produzir para viver: os caminhos da produção não capitalista*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002

SOTO, Magda Martina. **Análise e formação de redes de cooperativas de catadores de materiais recicláveis no âmbito da economia solidária/** Magda Martina Tirado Soto – Rio de Janeiro: UFRJ/COPPE, 2011.